

EDUCAÇÃO QUILOMBOLA E OS SABERES TRADICIONAIS¹

Erica de Sousa Peres

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação
Programa de Pós Graduação em Educação – Universidade Estadual do Pará.

Email: ericaperes_22@yahoo.com.br

Shirley Cristina Amador Barbosa

Graduada em Pedagogia

Universidade do Estado do Pará.

Email: shirleyamador@hotmail.com

RESUMO:

O presente estudo está sendo realizado nas comunidades quilombolas de Vila União/Campinas e Vila de Mangueiras no município de Salvaterra, Ilha do Marajó, estado do Pará. Tem como foco central analisar se há um diálogo entre os saberes locais que circundam estas comunidades e o conhecimento científico presente na escola. Nesse contexto a educação quilombola é uma proposta de interligar os saberes locais ao saber escolar. Para a realização deste artigo inicialmente foram realizados levantamentos bibliográficos de alguns autores que refletem a cerca da temática, e posteriormente será utilizado como recurso metodológico: entrevistas orais, além de caderno de campo e gravador de voz, os entrevistados foram escolhidos de acordo com o foco da pesquisa. A partir do estudo esperamos ampliar as discussões acerca da efetivação da educação quilombola na escola e nos entornos das comunidades

Palavras-Chave: Saberes. Quilombos. Educação.

INTRODUÇÃO

O presente estudo está sendo realizado nas comunidades quilombolas de Vila União/Campinas e Vila de Mangueiras no município de Salvaterra, Ilha do Marajó, estado do Pará.

Os motivos pelos quais escolhemos essas comunidades para desenvolvermos a pesquisa foi pela nossa aproximação com algumas lideranças, moradores, por meio de trabalhos já realizados de forma individual e também por intermédio dos estudos que estamos realizando no grupo de pesquisas Saberes e Práticas Educativas de Populações Quilombolas EDUQ/UEPA, o qual visa discutir e /ou refletir de forma multidisciplinar variadas questões a cerca das populações quilombolas na Amazônia.

Sendo assim, com o estudo, queremos demonstrar para a ciência a necessidade de compreensão de outros saberes distintos ao saber científico, além de contribuir para uma educação que reconheça as diversidades culturais e os sujeitos que tiveram suas histórias excluídas do

¹ Projeto de Pesquisa vinculado ao grupo de pesquisa Saberes e Práticas Educativas de Populações Quilombolas- EDUQ / UEPA

processo escolar no decorrer da construção da sociedade brasileira, nesse caso os remanescentes das comunidades negras rurais que carregam consigo um histórico de lutas para que os seus saberes ancestrais perpetuem as gerações futuras e venham a ser de fato, considerados pela escola. Nesse sentido, vale ressaltar que as comunidades tradicionais aqui mencionadas vêm demonstrando historicamente em seus modos de vida saberes específicos que merecem estudos mais aprofundados.

Diante do exposto, consideramos como objetivo geral: analisar se há um diálogo entre os saberes locais que circundam estas comunidades e o conhecimento científico presente na escola. E como objetivos específicos: investigar de que forma os saberes científicos influenciam na vida sociocultural dos alunos dessas comunidades; identificar se há relação entre os saberes empíricos dos alunos e os saberes científicos repassada na escola (sala de aula).

DESENVOLVIMENTO

O colonialismo deixou marcas profundas na história das antigas colônias, pois junto a esse processo veio o fenômeno da modernidade, momento em que a Europa se destaca pelo descobrimento da América, e ao se apropriar das riquezas existentes nesse território, ela foi se fortalecendo e tornando-se o centro. Nesse sentido, um estudioso afirma que “a Europa teve características excepcionais internas que permitiram que ela superasse, essencialmente por sua racionalidade, todas as outras culturas”. (DUSSEL, 2000, p. 51).

Desse período, resultou o processo de civilização, ou seja, as culturas mais civilizadas seriam as mais europeizadas, e assim o colonizador estabeleceu uma relação de poder, de superioridade e desvalorização do outro, impondo a sua cultura, os seus valores, caracterizando o que chamamos de “eurocentrismo”, “um dos grandes obstáculos que devem ser superados para que seja assegurado o acesso e a permanência dos diversos grupos étnico-raciais no sistema escolar brasileiro, que é uma reivindicação política e educacional dos grupos sociais marginalizados” (BONNICI, 2000: pág. 10).

Nesse contexto, destacamos que a sociedade brasileira se desenvolveu sob a égide da escravidão, primeiramente do índio, e posteriormente dos negros africanos que mesmo depois da lei Áurea, continuavam a ser excluídos e marginalizados na sociedade, pois esta lei deu-lhes direito a liberdade, porém, não lhes deu direito a terra ou qualquer amparo social. Deste modo, a população

negra construiu sua identidade marcada pelo preconceito e discriminação, devido ao processo civilizador que reprimia sua cultura e seus valores.

Mas é importante ressaltar que os negros não aceitaram viver na opressão e submissão ao sistema dominador, como podemos ver sua resistência expressa na formação dos quilombos brasileiros, os quais Arruti (2008) vem dar um conceito sobre a categoria quilombo de acordo com as primeiras leis do Brasil no período colonial “Na legislação colonial para caracterizar a existência de um quilombo bastava à reunião de cinco escravos fugidos ocupando ranchos permanentes, mas, depois, na legislação imperial, bastavam três escravos fugidos, mesmo que não formassem ranchos permanentes”. (ARRUTI, 2008, p. 4). Nesse sentido, Munanga (1996) vem colaborar com o estudo afirmando que os quilombos foram formas de resistência encontradas pelos escravos para que pudessem viver em liberdade e expressar sua cultura :

Escravizados, revoltosos, organizaram-se para fugir das senzalas e das plantações e ocuparam partes de territórios brasileiros não povoados, geralmente de acesso difícil. Imitando o modelo africano, eles transformaram esses territórios em espécie de campo de iniciação a resistência, campos esses abertos a todos os oprimidos da sociedade (negros, índios e brancos), prefigurando um modelo de democracia plurirracial que o Brasil ainda está a buscar (MUNANGA, 1996, p. 63).

Nessa época, ocorreram muitas lutas dos negros africanos contra o domínio e a opressão de sua cultura, e podemos ver a materialização dessa resistência até hoje nas comunidades remanescentes de quilombos. Porém, essas comunidades não podem ser vistas apenas pela forma resistência e luta contra o sistema escravista da época, mas também, foi uma estratégia para sobrevivência de sua cultura.

Diante de tal perspectiva, queremos salientar que a educação escolar quilombola está intrinsicamente ligada às lutas do movimento social negro, o qual traz a importância dos marcos legais que fundamentam e legitimam a discussão dessa modalidade de ensino nos ambientes escolares. Assim, as (leis 10.639/2003 e a resolução de nº8 de 2012) vem garantir para as comunidades quilombolas um ensino escolar que considere as suas raízes culturais, e que seja um ensino articulado com os saberes tradicionais, tendo em vista o atendimento das especificidades dessas populações, no sentido de valorizar a sua identidade étnica. Nessa perspectiva:

É importante destacar que não se trata de mudar o foco etnocêntrico marcadamente de raiz europeu por uma africana, mas ampliar o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira [...], História da África, tratada em perspectiva positiva, não só de denúncia da miséria e discriminações que atingem o continente, nos tópicos pertinentes se fará articuladamente com a história dos afrodescendentes no Brasil e serão abordados temas relativos:- o papel dos anciões e dos griots como guardiões da

memória histórica; - a história da ancestralidade e religiosidade africana (...) como civilizações que contribuíram decisivamente para o desenvolvimento da humanidade (BRASIL, 2009).

Nesse contexto, não se trata apenas de desconstruir uma visão eurocêntrica, mas de trazer uma nova discussão que antes invisível, porém manifestados nos comportamentos dos movimentos sociais para desfazer o “mito da democracia racial”. nessa lógica, atentamos para pensar a questão paradigmática dominante da ciência moderna, pela sua maneira de ver, ignorar e desvalorizar outros saberes distintos ao saber científico, ou seja, o saber vindo dos grupos subalternizados, um saber oriundo do cotidiano do sujeito.

Diante do exposto, a luta decorre em prol de uma educação que tenta superar as estruturas de poder que oprimem inúmeras outras formas de expressão de vida, para isso, é necessário criar formas locais de convivência baseadas na autonomia das comunidades, e no respeito às diferenças.

CONCLUSÃO

Com esse estudo esperamos ampliar as discussões a cerca da educação quilombola na escola e em seus entornos, visando contribuir para o preenchimento de lacunas na discussão e/ou reflexão no campo da educação para contemplar a população do campo, nesse caso em específico os quilombolas, oriundos de povos que foram escravizados em terras brasileiras e que tiveram sua história negada pela ciência moderna. Deste modo, com este estudo pretendemos também colaborar para que haja um maior empenho dos educadores atuantes na rede de ensino dessas comunidades no sentido de estes proporem atividades que envolvam a realidade sociocultural desses alunos, fazendo com que a escola se insira no contexto que a circunda.

REFERÊNCIAS

ARRUTI, José Mauricio. “Quilombos”. In: *Raça: Perspectivas Antropológicas*. [org. Osmundo Pinho]. ABA / Ed. Unicamp / EDUFBA, 2008.

BELÉM, Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia: Movimentos sociais, identidades coletivas e conflitos. N.7 Jan, 2006.

BRASIL, Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar quilombola. **Resolução Nº 8, de 20 de Novembro de 2012**. Brasília: Conselho Nacional de Educação - Câmara de Educação Básica (CNE/CEB).

BRASIL. MEC. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: outubro de 2009.

BONNICI, Thomas. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. Maringá, Eduem, 2000.

COELHO, Wilma de Nazaré Baía **educação e diversidade na Amazônia**. 2ª ed. São Paulo: editora livraria da física, 2015.

DUSSEL, Enrique. *Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão*. Petrópolis - RJ: Vozes. 2000.

HALL, Stuart. Trad. LOURO, Guaracira Lopes; SILVA, Tadeu Tomaz. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MUNANGA, Kabengele. Origem e histórico do quilombo Africano. *Revista USP*, São Paulo, n 28, p. 56 - 63 dez/fev. 1996.

SALLES, Vicente. **O negro no Pará**. Sob o regime da escravidão. 3ª edição. Belém: Instituto de artes do Pará, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo**: Para uma nova cultura politica. 3ed. -São Paulo: Cortez, 2010.